

FIESC

Setor de Economia

Boletim de

Construção Civil

DE SANTA CATARINA

2026





Introdução

O setor da construção civil em Santa Catarina entra em 2026 em um contexto de moderação da atividade, refletindo o patamar ainda elevado da taxa de juros e a desaceleração do crédito imobiliário. Esse quadro tende a persistir no curto prazo, sendo reforçado pelos choques recentes no mercado de petróleo, que pressionam os custos de insumos e reduzem o espaço para uma queda mais acelerada da Selic.

Para 2027, a trajetória da construção passa a depender mais diretamente do comportamento da taxa de juros, com os cenários indicando um intervalo de crescimento entre 1,41% e 2,93%. Nesse contexto, a velocidade de acomodação da Selic será determinante para definir o ritmo de recuperação da atividade ao longo do período.

Apesar do ambiente restritivo de 2026, a dinâmica regional segue heterogênea. O litoral norte, especialmente a região da Foz do Rio Itajaí (Balneário Camboriú, Balneário Piçarras, Bombinhas, Camboriú, Itajaí, Itapema, Navegantes, Penha, Porto Belo e outros), mantém elevado nível de atividade, impulsionado pela verticalização e pelo transbordamento imobiliário entre municípios, consolidando-se como principal polo de expansão do setor no estado.

Termômetro do emprego da Construção Civil nas Vice-Presidências FIESC

A construção civil catarinense segue o movimento de desaceleração da economia brasileira e estadual, influenciado pela manutenção das taxas de juros em níveis elevados. O Termômetro do Emprego (Tabela 1) indica que esse processo ocorre de forma heterogênea entre as regiões das Vice-Presidências do estado.

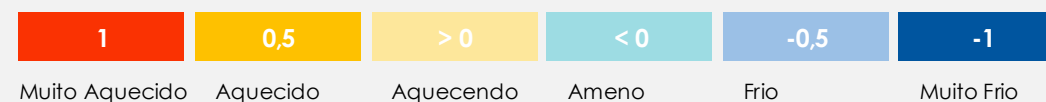
Mesmo regiões que concentram a atividade, como a Foz do Itajaí (Balneário Camboriú, Itapema, Porto Belo, Itajaí, Piçarras e Penha), também passam por esse processo. É importante destacar que valores negativos do indicador não significam perda líquida de empregos, mas sim uma geração abaixo da média histórica para o período. Como mostra a tabela abaixo, foram criados 2.529 empregos no primeiro bimestre de 2026, um ritmo inferior ao registrado em 2025 (2.621). A exceção à regra é a região Centro-Norte (Caçador, Videira e outros), onde um movimento recente expandiu os empregos.

Região	Saldo 1º bím. 2025	Saldo 1º bím. 2026	Variação	Leitura
Centro-Norte	188	409	+117,6%	Aceleração forte contra base menor
Foz do Itajaí	2.621	2.529	-3,5%	Geração positiva, em ritmo menor
Santa Catarina	8.265	6.702	-18,9%	Geração positiva, em ritmo menor

Tabela 1: Termômetro do emprego da construção civil FIESC

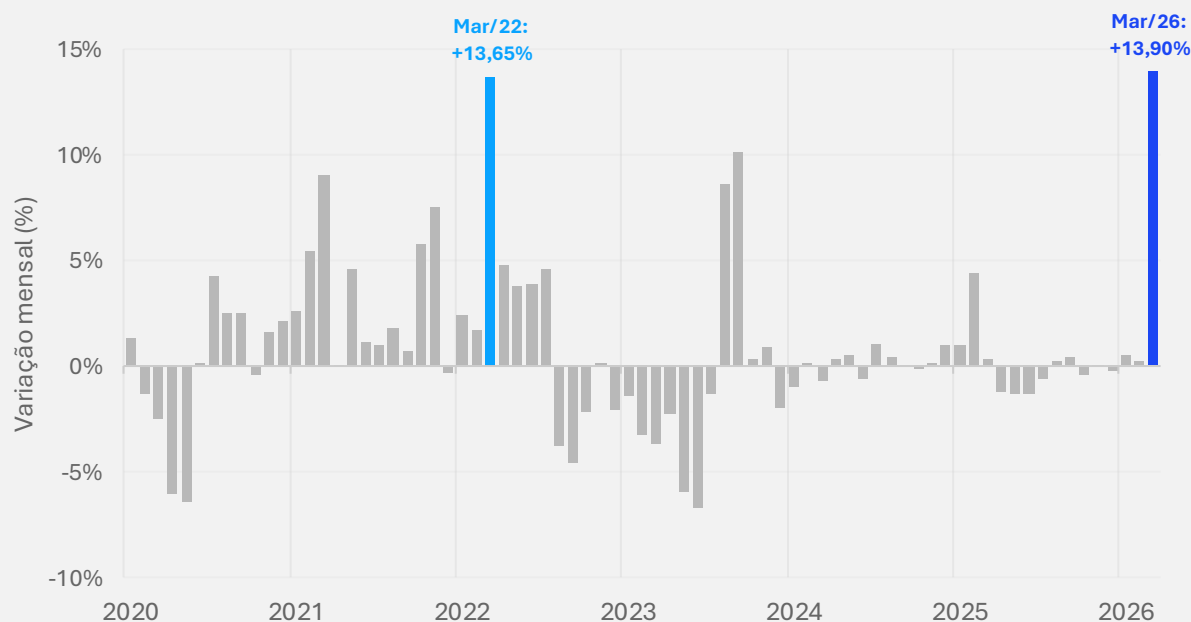
Data	Mar/25	Apr/25	Mai/25	Jun/25	Jul/25	Aug/25	Sep/25	Out/25	Nov/25	Dec/25	Jan/26	Feb/26
Centro - Norte	- 0,93	- 0,62	- 0,39	- 0,28	- 0,37	- 0,58	- 0,80	- 0,79	- 0,24	0,51	1,39	1,88
Vale do Itajaí	0,63	0,76	0,89	0,97	1,07	0,98	0,87	0,72	0,73	0,66	0,63	0,50
Vale do Itapocu	- 0,61	- 0,73	- 0,71	- 0,54	- 0,53	- 0,52	- 0,46	- 0,23	- 0,03	0,12	0,09	0,06
Sudeste	0,36	0,39	0,43	0,43	0,50	0,57	0,66	0,65	0,58	0,37	0,17	0,00
Extremo Oeste	- 0,05	0,03	0,08	0,13	0,06	0,17	0,30	0,40	0,27	0,13	0,03	- 0,04
Vale do Itajaí Mirim	0,64	0,53	0,34	0,22	0,23	0,30	0,19	0,07	- 0,07	- 0,04	- 0,02	- 0,04
Foz do Rio Itajaí	0,05	0,07	0,06	0,05	0,05	0,01	0,01	- 0,03	- 0,06	- 0,11	- 0,09	- 0,12
Planalto Norte	- 0,19	- 0,21	- 0,26	- 0,21	- 0,06	0,18	0,21	0,14	- 0,00	- 0,09	- 0,11	- 0,14
SC	0,46	0,46	0,41	0,34	0,30	0,24	0,20	0,14	0,10	0,01	- 0,07	- 0,17
Sul	- 0,09	- 0,31	- 0,48	- 0,56	- 0,58	- 0,60	- 0,62	- 0,65	- 0,64	- 0,51	- 0,37	- 0,22
Serra Catarinense	0,06	0,06	0,06	0,05	0,04	0,01	- 0,04	- 0,08	- 0,11	- 0,15	- 0,20	- 0,30
Norte - Nordeste	0,52	0,45	0,33	0,24	0,22	0,16	0,10	- 0,01	- 0,07	- 0,18	- 0,24	- 0,32
Alto Uruguai Catarinense	- 0,11	- 0,10	- 0,11	- 0,13	- 0,15	- 0,21	- 0,25	- 0,26	- 0,25	- 0,25	- 0,32	- 0,40
Alto Vale do Itajaí	0,56	0,61	0,53	0,25	0,03	- 0,06	- 0,05	- 0,05	- 0,15	- 0,23	- 0,37	- 0,42
Oeste	0,53	0,51	0,45	0,36	0,20	0,08	- 0,03	- 0,16	- 0,27	- 0,42	- 0,50	- 0,58
Litoral Sul	1,07	1,09	0,72	0,42	0,18	0,00	0,02	0,05	0,12	- 0,01	- 0,44	- 0,74
Centro - Oeste	1,05	1,10	0,93	0,57	0,21	- 0,10	- 0,30	- 0,47	- 0,66	- 0,79	- 0,89	- 0,92

Fonte: MTE, IBGE e Economia/FIESC



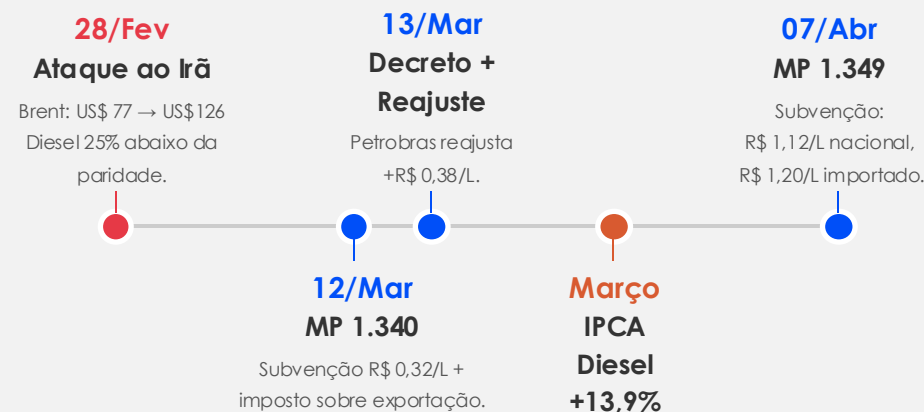
Tensões no Irã podem desacelerar o ciclo de queda de juros

Gráfico 1: **Variação mensal do óleo diesel. (subitem IPCA)**



Fonte: IBGE e Economia/FIESC

O gráfico 1 mostra que o subitem óleo diesel avançou 13,9% em março de 2026, na maior alta mensal desde o choque observado durante a Guerra da Ucrânia, em 2022. Mesmo as medidas emergenciais que quadruplicaram a subvenção em 07/04, são insuficientes para anular o impacto.



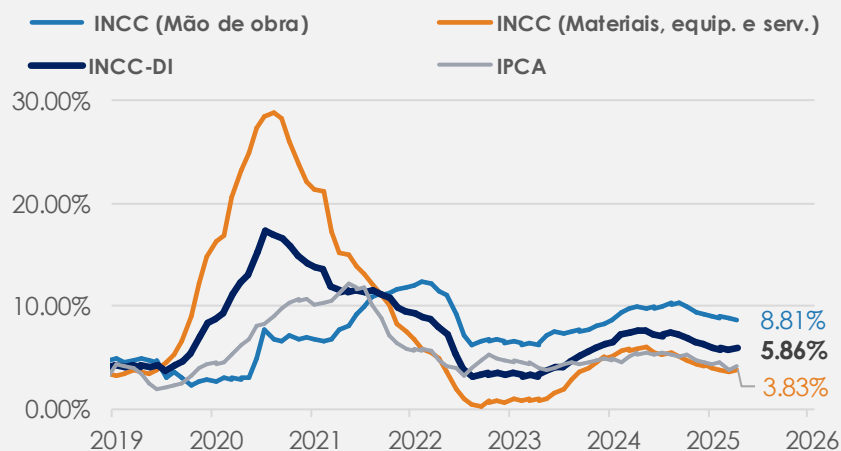
Fonte: U.S. Energy Information Administration (EIA), Diário Oficial da União (DOU), IBGE e Economia/FIESC

A Instituição Fiscal Independente (IFI) estima que o choque pode adicionar entre **+0,7 e +1,0 p.p. ao IPCA de 2026, e entre +0,2 e +0,7 em 2027**, a depender do grau de persistência das tensões. Tal situação aumenta a cautela na condução da política monetária.

Inflação da construção já vinha pressionada pela mão de obra

O **Gráfico 2** indica que a inflação da construção, medida pelo INCC-DI, acumulava 5,86% em 12 meses, em trajetória de desaceleração, favorecida pelo menor ritmo de alta dos materiais, que avançaram 3,83%. A principal pressão permanece concentrada na mão de obra, com alta de 8,81%. Em Santa Catarina, esse movimento é reforçado pela baixa taxa de desemprego e pelo aquecimento do mercado, especialmente nas regiões litorâneas.

Gráfico 2: Componentes da inflação da construção civil



Fonte: IBGE, FGV e Economia/FIESC

Tabela 2: Variação mensal do INCC-M (Abril/2026)

Componente	Mar/26 (%)	Abr/26 (%)
INCC-M	0,45	1,04
Materiais, equip. e serviços	0,27	1,35
Materiais para estrutura	0,17	1,82
Mão de obra	0,47	0,61

Fonte: FGV e Economia/FIESC

IMPACTO AGREGADO
POTENCIAL

+3,89 p.p.

INCC 2026 POTENCIAL

9,72%

Fonte: FGV

Em abril, o INCC-M, que já reflete variações nos custos de materiais, registrou alta de 1,04% no mês, impulsionada principalmente pelo aumento de 1,82% no componente de materiais para estrutura. Esse avanço está ligado ao encarecimento recente de energia, transporte e derivados de petróleo. Considerando os reajustes já aplicados e os que ainda estão em andamento, a FGV estima um impacto de até +3,89 pontos percentuais no INCC em 2026, o que pode levar o índice a cerca de 9,7% no acumulado do ano.

Efeitos do choque do petróleo nos insumos da construção

Os impactos são mais concentrados nos insumos básicos intensivos em energia e derivados de petróleo.

Nos plásticos e no PVC, o repasse de custos é mais imediato, devido à natureza petroquímica desses insumos. Itens como tubos e conexões já registram reajustes de até 35%, tornando-se um dos principais focos de pressão no curto prazo.

Já nos minerais não metálicos, os aumentos decorrem, sobretudo, da elevação dos custos na queima do clínquer para a produção de cimento, um processo intensivo no uso de coque de petróleo.

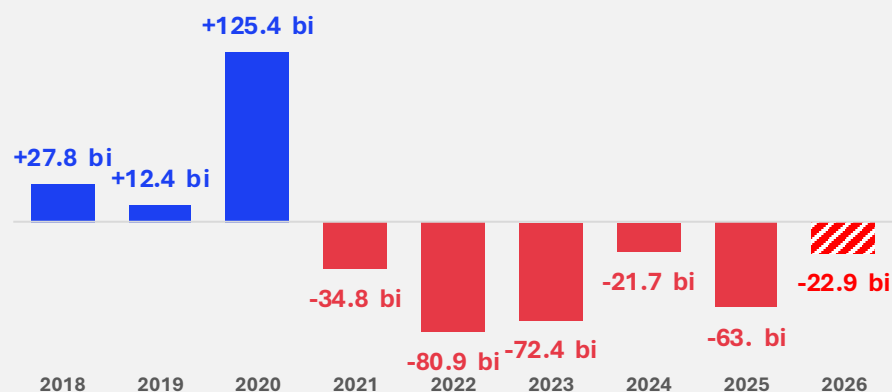
Tabela 3: Avaliação de impacto desagregada por item do INCC

Item INCC	Reaj. máx. (%)	Peso INCC	Impacto (p.p.)
Minerais não metálicos			
Massa de concreto	15	4,27	0,64
Cimento Portland Comum	15	1,90	0,29
Blocos de concreto	6	4,36	0,26
Argamassa	10	0,81	0,08
Tubos de concreto	6	0,92	0,06
Telha cerâmica	8	0,23	0,02
Plásticos e PVC			
Tubos e conexões de PVC	35	2,45	0,86
Eletrodutos de PVC	16	0,81	0,13
Sistema de tratamento de esgoto	15	0,81	0,12
Tintas e químicos			
Material para pintura	10	1,71	0,17
Impermeabilizante	10	1,37	0,14
Materiais metálicos			
Vergalhões e arames de aço	13	5,30	0,69
Esquadrias de alumínio	10	2,74	0,27
Revestimentos			
Placas cerâmicas p/ revestimentos	12	1,36	0,16
Impacto total			3,88

Fonte: FGV e Economia/FIESC

SBPE em queda: perda de *funding* do crédito imobiliário

Gráfico 3: **Captação líquida acumulada no ano do Sistema Brasileiro de Poupança e Empréstimo**



Fonte: BCB e Economia/FIESC

A captação líquida do Sistema Brasileiro de Poupança e Empréstimo (SBPE) registra perdas contínuas desde 2021. Esse movimento reflete a menor atratividade da caderneta de poupança no atual cenário macroeconômico. Embora sua rentabilidade já seja historicamente inferior, a manutenção das taxas de juros em níveis elevados amplia ainda mais essa desvantagem. Soma-se a isso a mudança no perfil do investidor brasileiro, que hoje tem mais acesso à informação e a alternativas líquidas e mais rentáveis, o que intensifica a migração de recursos para ativos de renda fixa.

Para a construção civil, a sangria acende um alerta. O esvaziamento da principal fonte de financiamento imobiliário restringe e encarece o crédito, obrigando o setor a buscar captações alternativas mais custosas e pressionando a viabilidade de novos lançamentos, exacerbando a necessidade de novos modelos de crédito.

Como resposta regulatória, o Banco Central anunciou o Novo Modelo de Crédito Imobiliário, que amplia o espaço no sistema ao permitir a liberação gradual dos depósitos compulsórios da poupança a partir de 2027. O novo modelo eleva o direcionamento de recursos para o crédito imobiliário de 65% para 100% da poupança, sendo que 80% desse total permanece no âmbito do SFH, com juros limitados a 12% ao ano.

Além disso, a ampliação da Faixa 4 do programa Minha Casa Minha Vida, com aumento do teto de renda para R\$ 13 mil e do valor máximo dos imóveis, traz um estímulo recente à demanda da classe média catarinense, abrindo uma janela de oportunidades para os empreendedores.

O que esperar para 2026 e 2027? Quatro Caminhos Possíveis

A projeção da FIESC é de um crescimento de 1,9% da construção civil, em 2026 em Santa Catarina, em consonância com os efeitos defasados da elevada taxa de juros.

Para 2027 quatro cenários foram elaborados (**Tabela 4**) levando em conta a condução das finanças públicas e persistência dos choques de petróleo provenientes do conflito do Irã.

No cenário de risco máximo, o conflito se prolongaria por mais de 12 meses, mantendo o petróleo acima de US\$ 100 e pressionando a inflação global. A piora na percepção econômica, apesar de algum alívio fiscal no Brasil, levaria a queda de popularidade do atual presidente, levando o governo a ampliar gastos e se comprometer com gastos futuros, movimento que poderia ser replicado pela oposição, considerando acirramento da disputa. Como resultado, os juros permaneceriam elevados.

Nos cenários 2, 3 e 4, o conflito se resolve em 60 dias, levando a queda do preço do petróleo e descompressão inflacionária. As diferenças ficam por conta da disciplina fiscal para 2026 e 2027. No cenário 2, a propensão a ampliar gastos em 2026 e assumir compromissos elevados para 2027 se mantém (e é replicada pela oposição), gerando piora na popularidade do atual presidente.

Nesse contexto, a trajetória de redução dos juros continua, porém de forma mais limitada, atingindo 13,25% em 2026 e 12,75% até o fim de 2027.

No cenário 3, embora a disputa eleitoral seja acirrada, ela se dá em bases mais alinhadas ao compromisso vigente com as finanças públicas para 2027, isto é, um esforço, ainda que gradual, de contenção de despesas, com potencial para gerar superávits primários a partir de 2029.

Já o cenário 4, mais otimista, pressupõe o avanço de uma estratégia de desenvolvimento que traga maior racionalidade ao crescimento dos gastos públicos a partir de 2027, acompanhada de uma melhora significativa na percepção de risco do Brasil.

Tabela 4: Cenários considerados para projeção

	Cenário 1 (Risco Máximo)	Cenário 2 (Oportunidade Desperdiçada)	Cenário 3 (Estabilidade / Cenário Base)	Cenário 4 (Cenário Otimista)
Duração do Conflito	Longo	Até 60 dias	Até 60 dias	Até 60 dias
Petróleo (Barril)	> US\$ 100	US\$ 70-80	US\$ 70-80	US\$ 70-80
Política Fiscal	Expansão/Eleitoral	Piora (Gastos futuros)	Estável (Receitas)	Disciplina Estrutural
Risco País / Câmbio	Alto / Desvaloriza	Alta incerteza	Mantido	Baixo / Valoriza
SELIC (2026 → 2027)	14% → (Risco de Alta)	13,25% → 12,75%	12,5% → 11%	12,5% → 9,5%

O que esperar para 2026 e 2027?

Gráfico 4: Projeção de crescimento do Valor Adicionado Bruto da Construção em Santa Catarina

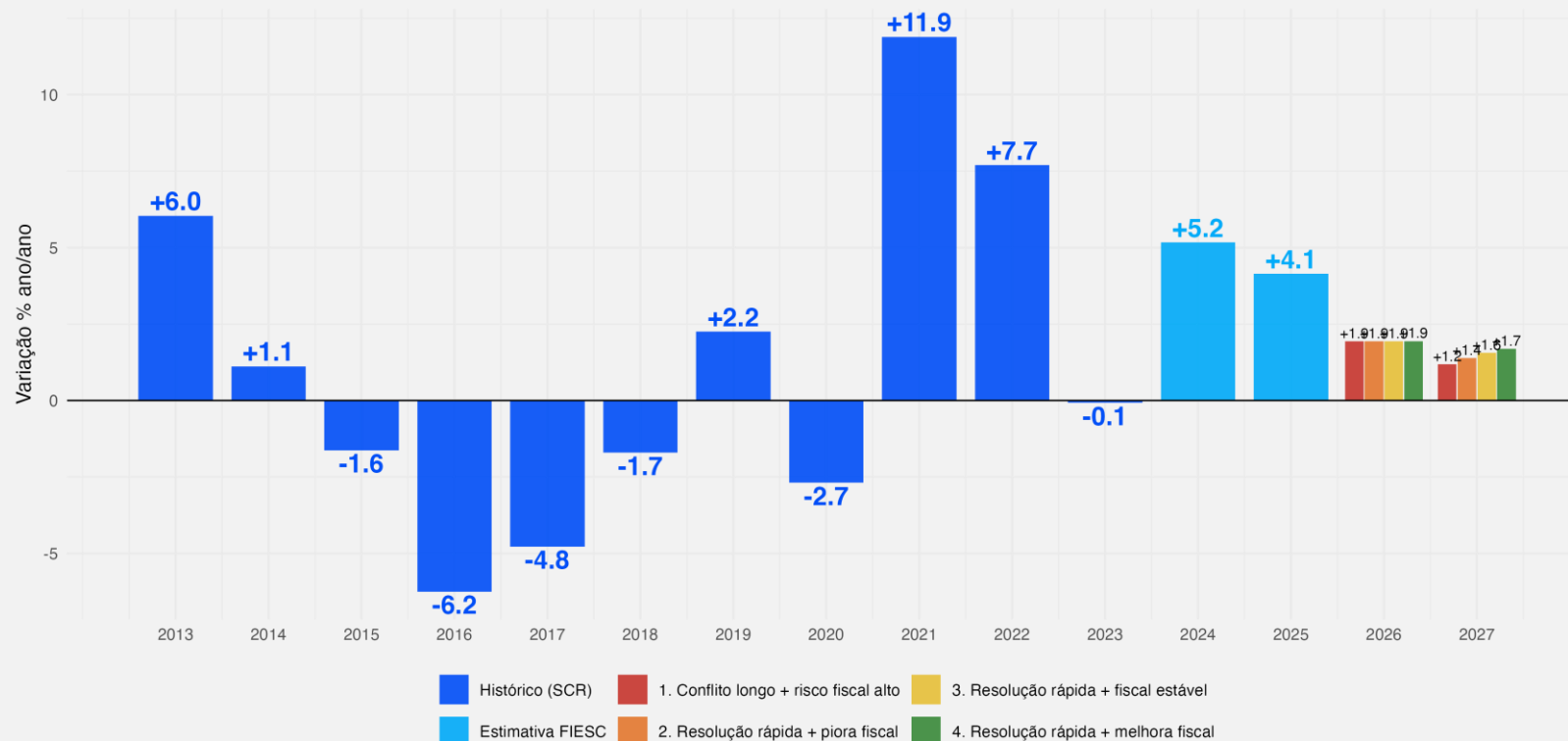


Tabela 5: Resultados das projeções por cenário

Cenário	Juros em 2027	2026	2027
Cenário 1	14%+	1,94%	+1,41%
Cenário 2	13,25%	1,94%	+1,92%
Cenário 3	11%	1,94%	+2,47%
Cenário 4	9,5%	1,94%	+2,93%

Conclusão



Em síntese, o setor da construção civil em Santa Catarina entra em 2026 em um contexto de moderação da atividade, refletindo o patamar ainda elevado da taxa de juros e a desaceleração do crédito imobiliário. Esse quadro tende a persistir no curto prazo, sendo reforçado pelos choques recentes no mercado de petróleo, que pressionam os custos de insumos e reduzem o espaço para uma queda mais acelerada da Selic.

Para 2027, a trajetória da construção passa a depender mais diretamente do comportamento da taxa de juros, com os cenários indicando um intervalo de crescimento entre 1,41% e 2,93%. Nesse contexto, a velocidade de acomodação da Selic será determinante para definir o ritmo de recuperação da atividade ao longo do período.

Interessante que, o litoral norte, especialmente a região da Foz do Rio Itajaí, mantém elevado nível de atividade, impulsionado pela verticalização e pelo transbordamento imobiliário entre municípios, consolidando-se como principal polo de expansão do setor no estado (para mais ver BOX: FOZ DO RIO ITAJAÍ)



BOX: Construção civil
Na Região da Foz do Rio Itajaí

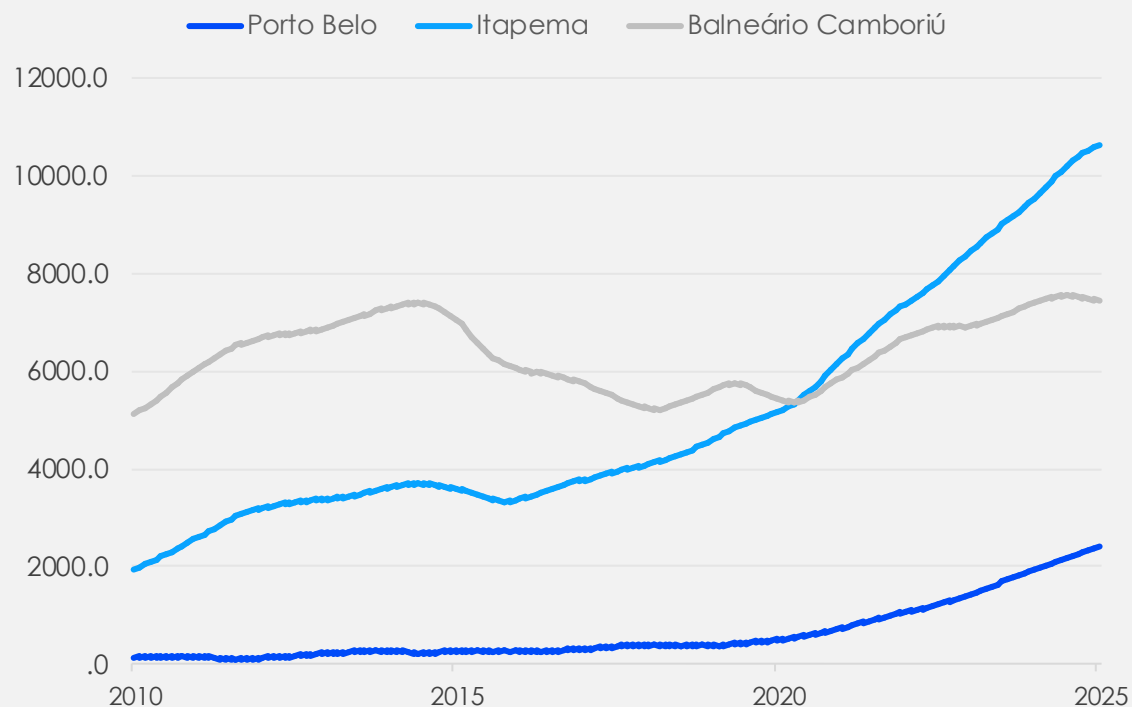
Região da Foz do Itajaí

A dinâmica da Foz do Rio Itajaí ilustra o transbordamento do setor na região. A saturação em Balneário Camboriú deslocou o eixo para Itapema, atual líder regional. A força local impressiona: a construção concentra 35,44% dos empregos formais de Itapema, em SC essa concentração é de 5,51% .

Na sequência, Porto Belo desponta como nova fronteira, impulsionada por um Plano Diretor permissivo ao adensamento. Com salto de 20,8% nas vagas em 2025, a atividade já responde por expressivos 22,6% de todos os postos formais do município.

Esse cenário atesta a alta concentração da construção de edifícios na região. O volume massivo de contratações focado na verticalização evidencia um mercado imobiliário superaquecido, que atua como o principal motor de absorção de profissionais no estado.

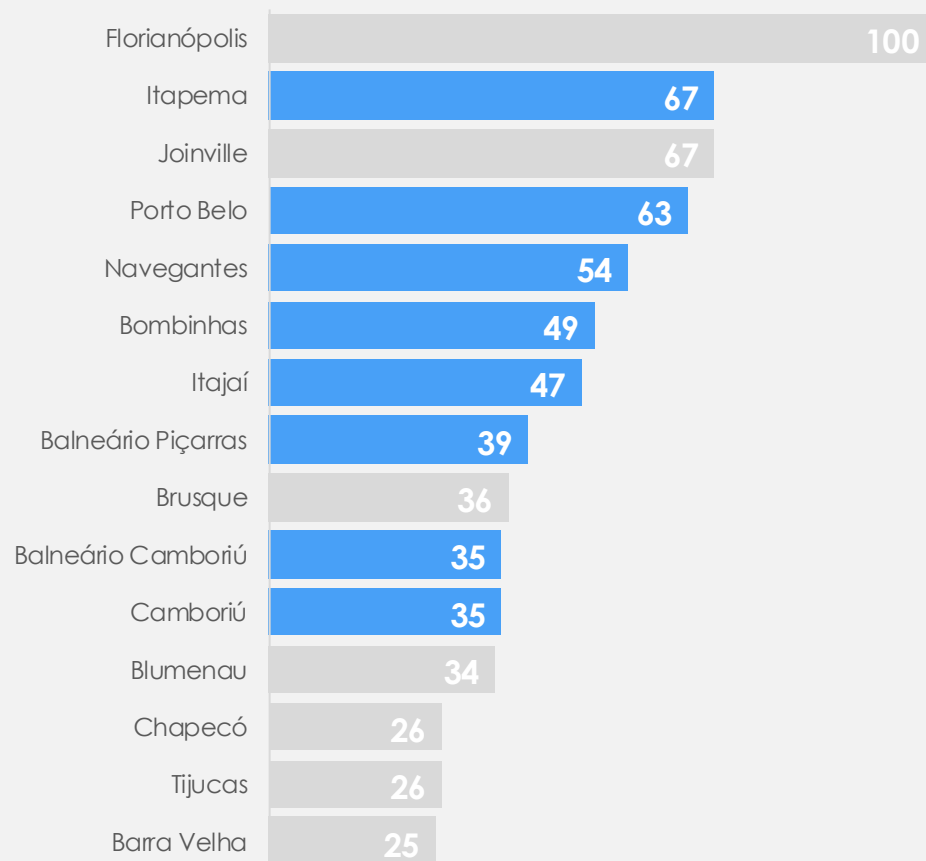
Gráfico 5: **Estoque de emprego formal da construção civil (MM 12m)**



Fonte: MTE e Economia/FIESC

Litoral norte lidera na construção de edifícios

Gráfico 6: **Obras novas ativas de edifícios residenciais em SC (2025, ≥ 500 m²)**



Fonte: CNO e Economia/FIESC

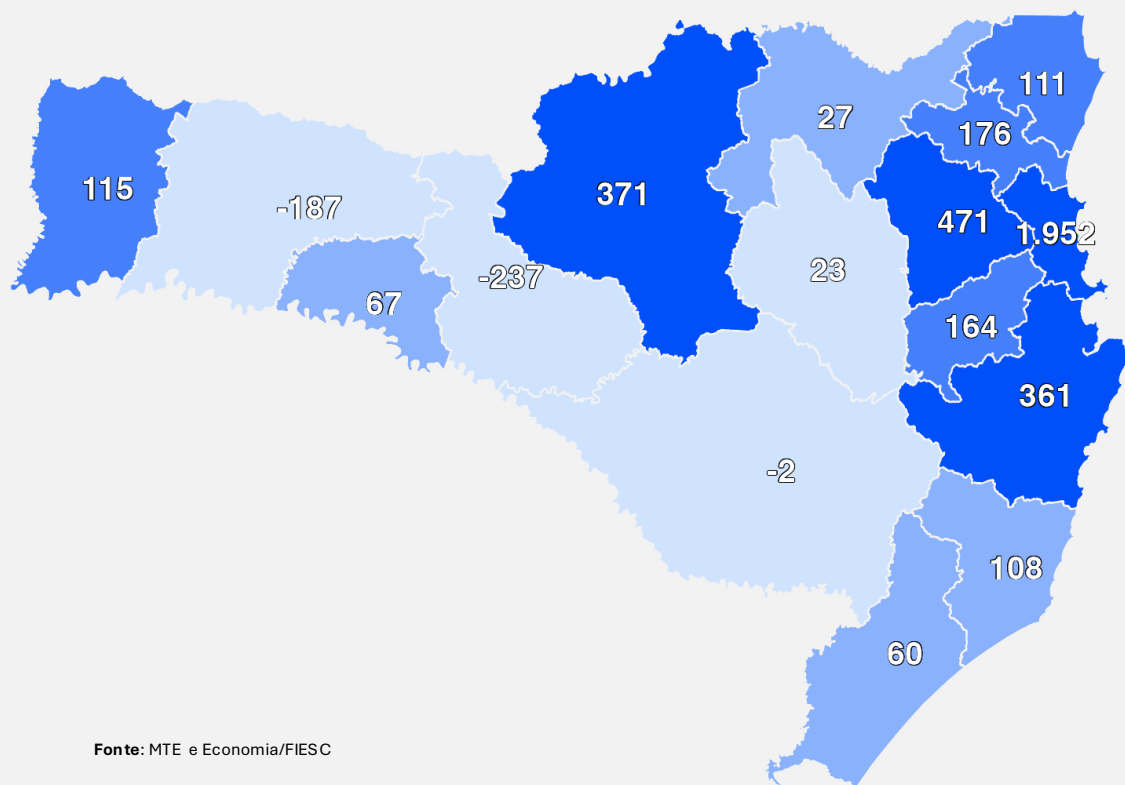
Os registros do Cadastro Nacional de Obras (CNO) corroboram a dinâmica de intensa verticalização no litoral. Ao mapear as novas obras residenciais multifamiliares iniciadas em 2025, a predominância da Foz do Rio Itajaí (em azul) no topo do ranking estadual é incontestável.

Embora Florianópolis lidere em volume absoluto, o destaque recai sobre Itapema (67 obras) e Porto Belo (63). Esses polos imobiliários registram um nível de atividade de novos edifícios equivalente ao de Joinville (67), a cidade mais populosa do estado.

A forte presença de municípios vizinhos nas primeiras posições, como Navegantes, Bombinhas e Itajaí, ratifica o diagnóstico: o transbordamento imobiliário consolidou o litoral norte como o grande canteiro de obras verticais de Santa Catarina.

Foz do Itajaí e a Evolução do emprego na construção de cada Vice-Presidência

Mapa 1: **Crescimento do emprego da construção no ano por Vice-Presidência regional, em 2025**



Fonte: MTE e Economia/FIESC

A geração de empregos formais na construção civil catarinense em 2025 apresenta forte concentração espacial.

Quatro regiões responderam por cerca de 88% das vagas geradas no período:

- Foz do Rio Itajaí: **54,5%**
- Vale do Itajaí **13,16%**
- Centro-Norte **10,36%**
- Sudeste **10,08%**

O protagonismo da Foz do Rio Itajaí evidencia o intenso dinamismo e a forte tração imobiliária local. Esse desempenho é sustentado pelo aquecimento contínuo e pelos grandes empreendimentos em polos como Balneário Camboriú, Itapema e Porto Belo.

Em contrapartida, as contrações observadas no interior reforçam a heterogeneidade regional, sugerindo ritmos distintos de atividade e de demanda por mão de obra entre o litoral e o interior do estado.



Responsável técnico:

Dr. Pablo Bittencourt

Equipe:

Alexandre Lamas Pena

Athos Argenta Fleming

Ricardo Augusto Dias Gonçalves Souza